

Um dos erros mais graves, porque dos mais vulgares, e tanto mais vulgar porque se appoia na vaidade, ~~humana~~, que é a mais vulgar das qualidades humanas, é o do critico, ou o simples leitor, se erigir, espontaneamente, em critico absoluto, em auctoridade universal. Isto succede com grande frequencia em materia artistica; por vezes, até, em materia scientifica.

Ha quem chegue ao ponto de, ~~emittir opiniões em~~ sem saber nada, a valer, de medicina, emittir opiniões sobre doenças e casos clinicos. Ha, mas isto é mais raro.

Um individuo qualquer, desconhecedor ~~de mathemati~~ do que seja o calculo differencial, não diz, ao folhear um livro sobre o assunto: "isto é incomprehensivel", ou, "este homem não sabe o que diz"; diz simplesmente, "não comprehendo isto." Mas o mesmo individuo, se fôr tambem desconhecedor de metaphysica, ~~não diz, ao abrir~~ já vulgarmente não diz, ao folhear um livro sobre esse assunto: "não comprehendo isto"; a sua tendencia é para dizer: "que confuso que é este homem!", ou, "isto é incomprehensivel". É que o ponto *technico* da metaphysica, ~~salvo uma ou~~ consiste em pensamentos e idéas, e não nas palavras empregadas, que são as correntes. E se o mesmo individuo folhear um livro em que essas idéas metaphysicas estejam expostas em verso, redobrarão as suas ~~accusações~~ accusações ao auctor por aquillo que é, afinal, a ignorancia d'elle que está lendo.

Ninguem, desconhecedor de medicina, pasma de que não comprehenda determinado passo de um livro medico escripto ~~na terminologia da materia~~ cerradamente na terminologia da materia. Mas qualquer individuo, ignorante de metaphysica em geral e da de Hegel em particular, se acha apto a ~~col~~ querer comprehender, a criticar, e, se fôr sincero, a censurar, o verso hegeliano de ~~Anthero~~ Anthero:

*Não-ser, que és o unico absoluto!*

São assim a maioria dos leitores e dos criticos. Outros, em menor numero, não levam a tal ponto a sua vaidade instinctiva, a sua divinização de si mesmos. Não levam a tal ponto, mas a algum ponto a levam. Poderão reconhecer certo poema, ou certo verso, como metaphysico, e, sabendo-se incompetentes na materia, desisttir de o apreciar. Mas raras vezes se sentirão incompetentes para apreciar certo typo de emoção, mais subtil, mais intensa, ou mais complexa, do que as que em si conhecem; ahí cahirão no "é muito mau", no "que trapalhada", no "isto é incomprehensivel."

14-23  
Um dos erros mais graves, porque dos mais vulgares, e tanto mais vulgar porque se appoia na vaidade, ~~humana~~, que é a mais vulgar das qualidades humanas, é o do critico, ou o simples leitor, se erigir, espontaneamente, em critico absoluto, em auctoridade universal. Isto succede com grande frequencia em materia artistica; por vezes, até, em materia scientifica.

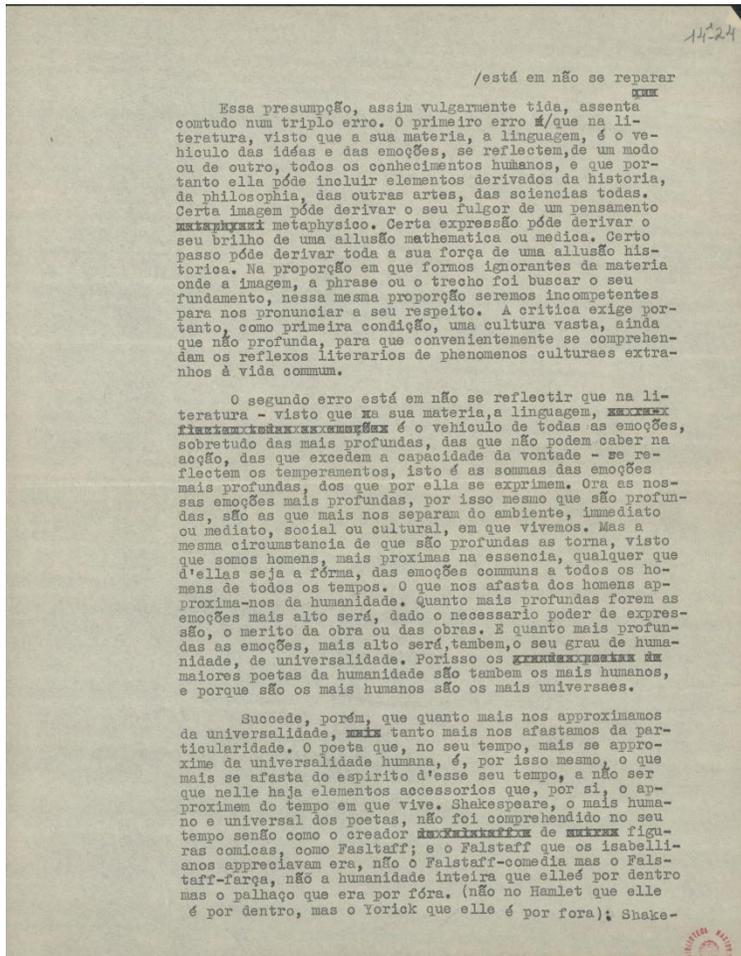
Ha quem chegue ao ponto de, ~~emittir opiniões em~~ sem saber nada, a valer, de medicina, emittir opiniões sobre doenças e casos clinicos. Ha, mas isto é mais raro.

Um individuo qualquer, desconhecedor ~~de mathemati~~ do que seja o calculo differencial, não diz, ao folhear um livro sobre o assunto: "isto é incomprehensivel", ou, "este homem não sabe o que diz"; diz simplesmente, "não comprehendo isto." Mas o mesmo individuo, se fôr tambem desconhecedor de metaphysica, ~~não diz, ao abrir~~ já vulgarmente não diz, ao folhear um livro sobre esse assunto: "não comprehendo isto"; a sua tendencia é para dizer: "que confuso que é este homem!", ou, "isto é incomprehensivel". É que o ponto *technico* da metaphysica, ~~salvo uma ou~~ consiste em pensamentos e idéas, e não nas palavras empregadas, que são as correntes. E se o mesmo individuo folhear um livro em que essas idéas metaphysicas estejam expostas em verso, redobrarão as suas ~~accusações~~ accusações ao auctor por aquillo que é, afinal, a ignorancia d'elle que está lendo.

Ninguem, desconhecedor de medicina, pasma de que não comprehenda determinado passo de um livro medico escripto ~~na terminologia da materia~~ cerradamente na terminologia da materia. Mas qualquer individuo, ignorante de metaphysica em geral e da de Hegel em particular, se acha apto a ~~col~~ querer comprehender, a criticar, e, se fôr sincero, a censurar, o verso hegeliano de ~~Anthero~~ Anthero:

*Não-ser, que és o ser unico absoluto!*

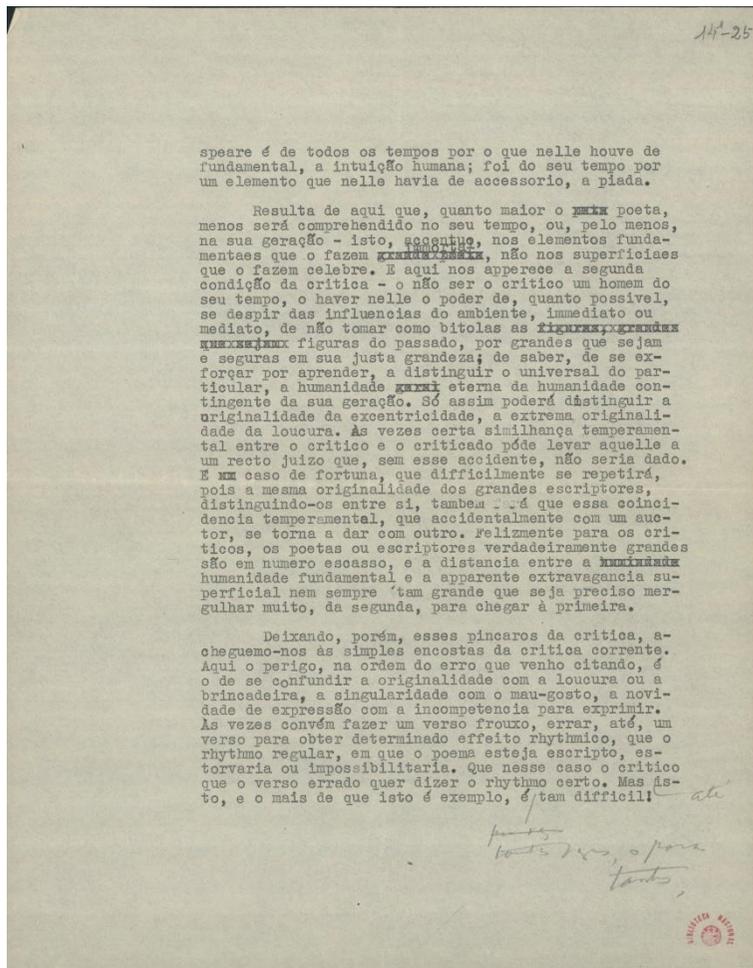
São assim a maioria dos leitores e dos criticos. Outros, em menor numero, não levam a tal ponto a sua vaidade instinctiva, a sua divinização de si mesmos. Não levam a tal ponto, mas a algum ponto a levam. Poderão reconhecer certo poema, ou certo verso, como metaphysico, e, sabendo-se incompetentes na materia, desisttir de o apreciar. Mas raras vezes se sentirão incompetentes para apreciar certo typo de emoção, mais subtil, mais intensa, ou mais complexa, do que as que em si conhecem; ahí cahirão no "é muito mau", no "que trapalhada", no "isto é incomprehensivel."



Essa presumpção, assim vulgarmente tida, assenta contudo num triplo erro. O primeiro erro é está em não se reparar ~~que~~ que na literatura, visto que a sua materia, a linguagem, é o vehiculo das idéas e das emoções, se reflectem, de um modo ou de outro, todos os conhecimentos humanos, e que portanto ella pôde incluir elementos derivados da historia, da philosophia, das outras artes, das sciencias todas. Certa imagem pôde derivar o seu fulgor de um pensamento ~~metaphysici~~ metaphysico. Certa expressão pôde derivar o seu brilho de uma allusão mathematica ou medica. Certo passo pôde derivar toda a sua força de uma allusão historica. Na proporção em que formos ignorantes da materia onde a imagem, a phrase ou o trecho foi buscar o seu fundamento, nessa mesma proporção seremos incompetentes para nos pronunciar a seu respeito. A critica exige portanto, como primeira condição, uma cultura vasta, ainda que não profunda, para que convenientemente se comprehendam os reflexos literarios de phenomenos culturaes extranhos à vida commum.

O segundo erro está em não se reflectir que na literatura - visto que ~~ea~~ sua materia, a linguagem, ~~se reflectem todas as emoções~~ é o vehiculo de todas as emoções, sobretudo das mais profundas, das que não podem caber na acção, das que excedem a capacidade da vontade - se reflectem os temperamentos, isto é as sommas das emoções mais profundas, dos que por ella se exprimem. Ora as nossas emoções mais profundas, por isso mesmo que são profundas, são as que mais nos separam do ambiente, immediato ou mediato, social ou cultural, em que vivemos. Mas a mesma circumstancia de que são profundas as torna, visto que somos homens, mais proximas na essencia, qualquer que d'ellas seja a fórma, das emoções communs a todos os homens de todos os tempos. O que nos afasta dos homens aproxima-nos da humanidade. Quanto mais profundas forem as emoções, mais alto será, dado o necessario poder de expressão, o merito da obra ou das obras. E quanto mais profundas as emoções, mais alto será, tambem, o seu grau de humanidade, de universalidade. Porisso os ~~grandes poetas de~~ maiores poetas da humanidade são tambem os mais humanos, e porque são os mais humanos são os mais universaes.

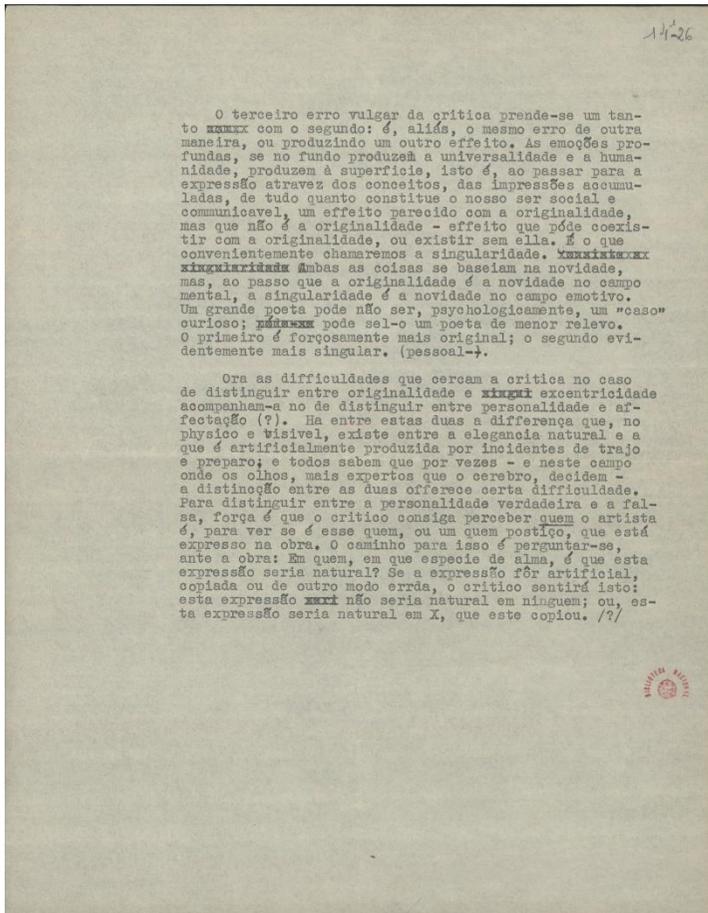
Succede, porém, que quanto mais nos approximamos da universalidade, ~~mais~~ tanto mais nos afastamos da particularidade. O poeta que, no seu tempo, mais se approxime da universalidade humana, é, por isso mesmo, o que mais se afasta do espirito d'esse seu tempo, a não ser que nelle haja elementos accessorios que, por si, o aproximem do tempo em que vive. Shakespeare, o mais humano e universal dos poetas, não foi comprehendido no seu tempo senão como creador ~~de Falstaff~~ e de outras figuras comicas, como Falstaff; e o Falstaff que os isabellianos apreciavam era, não o Falstaff-comedia mas o Falstaff-farça, não a humanidade inteira que elle é por dentro mas o palhaço que era por fora. (não no Hamlet que elle é por dentro, mas o Yorick que elle é por fora): Shake-



speare é de todos os tempos por o que nelle houve de fundamental, a intuição humana; foi do seu tempo por um elemento que nelle havia de accessorio, a piada.

Resulta de aqui que, quanto maior o ~~poeta~~ poeta, menos será compreendido no seu tempo, ou, pelo menos, na sua geração - isto, accentuo, nos elementos fundamentaes que o fazem ~~grande poeta~~ immortal, não nos superficiaes que o fazem celebre. E aqui nos apparece a segunda condição da critica - o não ser o critico um homem do seu tempo, o haver nelle o poder de, quanto possível, se despir das influencias do ambiente, immediato ou mediato, de não tomar como bitolas as ~~figuras grandes que sejam~~ figuras do passado, por grandes que sejam e seguras em sua justa grandeza; de saber, de se esforçar por aprender, a distinguir o universal do particular, a humanidade ~~geral~~ eterna da humanidade contingente da sua geração. Só assim poderá distinguir a originalidade da excentricidade, a extrema originalidade da loucura. Às vezes certa similhaça temperamental entre o critico e o criticado póde levar aquelle a um recto juizo que, sem esse accidente, não seria dado. É ~~um~~ caso de fortuna, que difficilmente se repetirá, pois a mesma originalidade dos grandes escriptores, distinguindo-os entre si, tambem fará que essa coincidência temperamental, que accidentalmente com um auctor, se torna a dar com outro. Felizmente para os criticos, os poetas ou escriptores verdadeiramente grandes são em numero escasso, e a distancia entre a ~~humana~~ humanidade fundamental e a apparente extravagancia superficial nem sempre tam grande que seja preciso mergulhar muito, da segunda, para chegar à primeira.

Deixando, porém, esses pincaros da critica, achemo-nos às simples encostas da critica corrente. Aqui o perigo, na ordem do erro que venho citando, é o de se confundir a originalidade com a loucura ou a brincadeira, a singularidade com o mau-gosto, a novidade de expressão com a incompetencia para exprimir. Às vezes convém fazer um verso frouxo, errar, até, um verso para obter determinado effeito rhythmico, que o rhythmo regular, em que o poema esteja escripto, estorvaria ou impossibilitaria. Que nesse caso o critico que o verso errado quer dizer o rhythmo certo. Mas até isto, e o mais de que isto é exemplo, é ~~per vezes~~ tantas vezes, e para tantos, tam difficil!



O terceiro erro vulgar da critica prende-se tanto ~~com~~ com o segundo: é, aliás, o mesmo erro de outra maneira, ou produzindo um outro effeito. As emoções profundas, se no fundo produzem a universalidade e a humanidade, produzem à superficie, isto é, ao passar para a expressão através dos conceitos, das impressões accumuladas, de tudo quanto constitue o nosso ser social e communicavel, um effeito parecido com a originalidade, mas que não é a originalidade - effeito que pôde coexistir com a originalidade, ou existir sem ella. É o que convenientemente chamaremos a singularidade. ~~Consiste a singularidade~~ Ambas as coisas se baseiam na novidade, mas, ao passo que a originalidade é a novidade no campo mental, a singularidade é a novidade no campo emotivo. Um grande poeta pode não ser, psychologicamente, um "caso" curioso; ~~pode-se~~ pode sel-o um poeta de menor relevo. O primeiro é forçosamente mais original; o segundo evidentemente mais singular. /(pessoal-)\

Ora as difficuldades que cercam a critica no caso de distinguir entre originalidade e ~~singul~~ excentricidade acompanham-a no de distinguir entre personalidade e affectação (?). Ha entre estas duas a differença que, no physico e visivel, existe entre a elegancia natural e a que é artificialmente produzida por incidentes de trajo e preparo; e todos sabem que por vezes - e neste campo onde os olhos, mais expertos que o cerebro, decidem - a distincção entre as duas offerece certa difficuldade. Para distinguir entre a personalidade verdadeira e a falsa, força é que o critico consiga perceber quem o artista é, para ver se é esse quem, ou um quem postiço, que está expresso na obra. O caminho para isso é perguntar-se, ante a obra: Em quem, em que especie de alma, é que esta expressão seria natural? Se a expressão fôr artificial, copiada ou de outro modo errda, o critico sentirá isto: esta expressão ~~seri~~ não seria natural em ninguem; ou, esta expressão seria natural em X, que este copiou. /?

Segue de aqui que o verdadeiro critico ha que reunir duas qualidades: uma cultura vasta, embora não seja profunda, para que possa comprehender o que de diversos ramos da sciencia, da arte ou da especulação, se encontre, de um modo ou de outro, reflectido nas obras de arte; e um grande poder de despersonalização, para que promptamente se integre em estados de espirito alheios aos que lhe sejam frequentes ou conhecidos, e assim possa sentir os sentimentos alheios, os sentimentos que não sente. D'esta segunda qualidade nascerá naturalmente a imparcialidade.

Referi-me aqui aos defeitos instinctivos e naturaes dos pretendem ser criticos; não me referi aos defeitos artificiaes e accidentaes, como seja a intromissão, em critica de arte, de qualquer elemento, moral, politico, philosophico ou religioso. Não ha mister que me refira a taes defeitos, pois, ainda que sejam vulgares, todos os reconhecem como defeitos, e o critico que censura o livro de um catholico por elle critico ser anti-catholico, sabe perfeitamente que está sendo mau critico. Essa especie de critica vale tanto como o que procede de uma antipathia pessoal pelo artista; e é, de facto, no fundo a mesma coisa, pois é uma antipathia pessoal por um motivo impessoal.

14<sup>1</sup>-27



Segue de aqui que o verdadeiro critico ha que reunir duas qualidades: uma cultura vasta, embora não seja profunda, para que possa comprehender o que de diversos ramos da sciencia, da arte ou da especulação, se encontre, de um modo ou de outro, reflectido nas obras de arte; e um grande poder de despersonalização, para que promptamente se integre em estados de espirito alheios aos que lhe sejam frequentes ou conhecidos, e assim possa sentir os sentimentos alheios, os sentimentos que não sente. D'esta segunda qualidade nascerá naturalmente a imparcialidade.

Referi-me aqui aos defeitos instinctivos e naturaes dos que pretendem ser criticos; não me referi aos defeitos artificiaes e accidentaes, como seja a intromissão, em critica de arte, de qualquer elemento, moral, politico, philosophico ou religioso. Não ha mister que me refira a taes defeitos, pois, ainda que sejam vulgares, todos os reconhecem como defeitos, e o critico que censura o livro de um catholico por elle critico ser anti-catholico, sabe perfeitamente que está sendo mau critico. Essa especie de critica vale tanto como o que procede de uma antipathia pessoal pelo artista; e é, de facto, no fundo a mesma coisa, pois é uma antipathia pessoal por um motivo impessoal.

14<sup>1</sup>-28

Para se avaliar do merito de um poeta, ou, aliás, de qualquer artista, ha trez coisas que perguntar, successivamente: (1) que pretende elle exprimir? (2) de facto exprime o que pretende? (3) exprime só o que pretende? Se estas trez circumstancias se dão, pôde desde logo affirmar-se que o artista é um artista de merito; o grau ou nivel do merito é outro assunto, mais difficil de provar ou definir, poisque na nossa opinião d'elle interveem elementos individuaes, intransmissiveis, como o gosto, a sympathia pelos themas tratados, e outros assim.

A primeira pergunta, disse, é esta: que pretende o artista exprimir? Não podemos culpar Cesario Verde de não ter o poder de pensamento de Anthero de Quental, porque Cesario não o pretendia ter nem exprimir. Se, porém, determinado poeta, por igual destituido de capacidade philosophica e especulativa, tentar fazer poemas d'essa natureza, legitimamente o culparemos de não ter tal capacidade, visto que pretende tel-a. E os versos d'esse poeta serão maus, desde logo, sem mais; ou pelo menos serão defeituosos em certo pormenor, que é esse.

Segue de aqui, corollariamente, que quem ~~pretende exprimir~~ ~~prime~~ de facto o que pretende - é a segunda pergunta - tem necessariamente merito; pois, se exprime de facto o que pretende, é que pôde exprimil-o; e, se pôde exprimil-o, é que essa coisa está "certa" com a ~~xxx~~ personalidade do expressor. O poema, ou obra, será ~~individual~~ "individual", haverá nella "personalidade".

A terceira pergunta, que fecha o cyclo, é esta: exprime o artista só o que pretende? É a pergunta aparentemente mais obscura de todas. Resume-se ella, porém, em se querer saber se à expressão do que se pretende exprimir se aggrega materia extranha, ou por dispensavel para a expressão

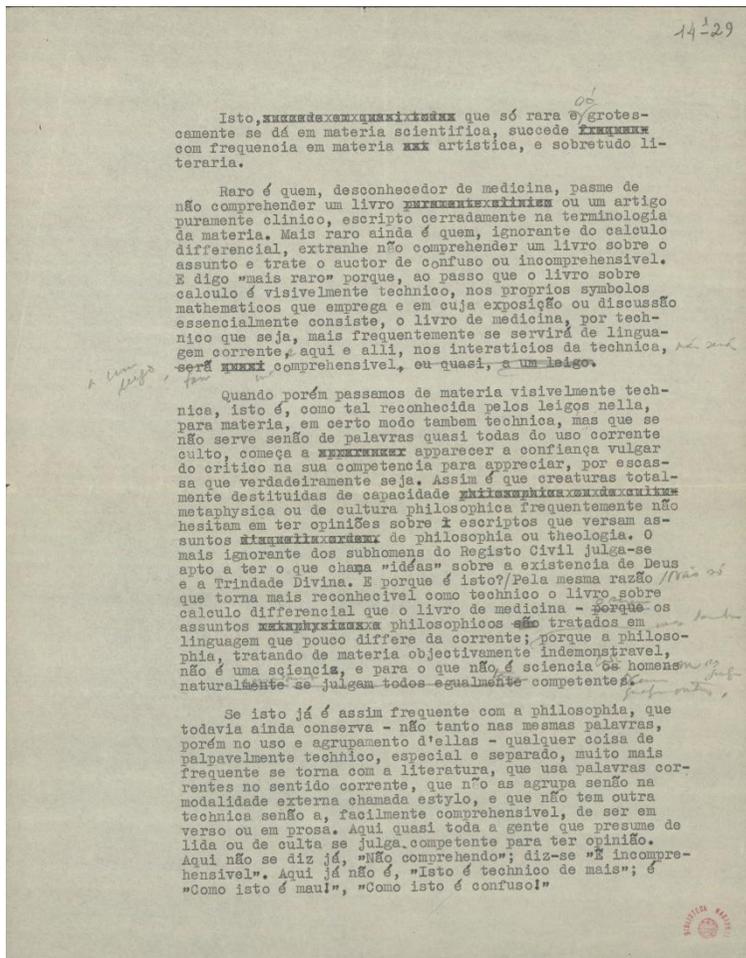


Para se avaliar do merito de um poeta, ou, aliás, de qualquer artista, ha trez coisas que perguntar, successivamente: (1) que pretende elle exprimir? (2) de facto exprime o que pretende? (3) exprime só o que pretende? Se estas trez circumstancias se dão, pôde desde logo affirmar-se que o artista é um artista de merito; o grau ou nivel de merito é outro assunto, mais difficil de provar ou de definir, poisque na nossa opinião d'elle interveem elementos individuaes, intransmissiveis, como o gosto, a sympathia pelos themas tratados, e outros assim.

A primeira pergunta, disse, é esta: que pretende o artista exprimir? Não podemos culpar Cesario Verde de não ter o poder de pensamento de Anthero de Quental, porque Cesario não o pretendia ter nem exprimir. Se, porém, determinado poeta, por igual destituido de capacidade philosophica e especulativa, tentar fazer poemas d'essa natureza, legitimamente o culparemos de não ter tal capacidade, visto que pretende tel-a. E os versos d'esse poeta serão maus, desde logo, sem mais; ou pelo menos serão defeituosos em certo pormenor, que é esse.

Segue de aqui, corollariamente, que quem ~~pretende exprimir~~ prime de facto o que pretende - é a segunda pergunta - tem necessariamente merito; pois, se exprime de facto o que pretende, é que pôde exprimil-o; e, se pôde exprimil-o, é que essa coisa está "certa" com a ~~sua~~ personalidade do expressor. O poema, ou obra, será ~~individual~~ "individual", haverá nella "personalidade".

A terceira pergunta, que fecha o cyclo, é esta: exprime o artista só o que pretende? É a pergunta aparentemente mais obscura de todas. Resume-se ella, porém, em se querer saber se à expressão do que se pretende exprimir se aggrega materia extranha, ou por dispensavel para a expressão {...}



Isto, ~~succede em quasi todas~~ que só rara e só grotescamente se dá em materia scientifica, succede ~~frequen~~ com frequencia em materia ~~est~~ artistica, e sobretudo literaria.

Raro é quem, desconhecedor de medicina, pasme de não comprehender um livro ~~puramente clinico~~ ou um artigo puramente clinico, escripto cerradamente na terminologia da materia. Mais raro ainda é quem, ignorante do calculo differencial, extranhe não comprehender um livro sobre o assunto e trate o auctor de confuso ou incomprehensivel. E digo "mais raro" porque, ao passo que o livro sobre calculo é visivelmente technico, nos proprios symbolos mathematicos que emprega e em cuja exposição ou discussão essencialmente consiste, o livro de medicina, por technico que seja, mais frequentemente se servirá de linguagem corrente, e aqui e allí, nos intersticios da technica, não será a um leigo ~~será~~ senão ~~quasi~~ incomprehensivel, ~~ou quasi, a um leigo.~~

Quando porém passamos de materia visivelmente technica, isto é, como tal reconhecida pelos leigos nella, para materia, em certo modo tambem technica, mas que se não serve senão de palavras quasi todas do uso corrente culto, começa a ~~apparecer~~ apparecer a confiança vulgar do critico na sua competencia para apreciar, por escassa que verdadeiramente seja. Assim é que creaturas totalmente destituidas de capacidade ~~philosophica ou de cultu~~ metaphysica ou de cultura philosophica frequentemente não hesitam em ter opiniões sobre ~~os~~ escriptos que versam assuntos ~~de philosophia ou theologia~~ de philosophia ou theologia. O mais ignorante dos subhomens do Registo Civil julga-se apto a ter o que se chama "idéas" sobre a existencia de Deus e a Trindade Divina. E porque é isto? Não só pela mesma razão que torna mais reconhecivel como technico o livro sobre calculo differencial que o livro de medicina - ~~porque~~ e mesmo os assuntos ~~metaphysicos e philosophicos são~~ tratados em linguagem que pouco differe da corrente; porque a philosophia, tratando de materia objectivamente indemonstravel, não é uma sciencia, e para o que não é sciencia ~~os~~ cada homem se julga naturalmente e erradamente ~~se julgam todos igualmente~~ tão competentes como qualquer outro.

Se isto já é assim frequente com a philosophia, que todavia ainda conserva - não tanto nas mesmas palavras, porém no uso e agrupamento d'ellas - qualquer coisa de palpavelmente technico, especial e separado, muito mais frequente se torna com a literatura, que usa palavras correntes no sentido corrente, que não as agrupa senão na modalidade externa chamada estylo, e que não tem outra technica senão a, facilmente comprehensivel, de ser em verso ou em prosa. Aqui quasi toda a gente que presume de lida ou de culta se julga competente para ter opinião. Aqui não se diz já, "Não comprehendo"; diz-se "É incomprehensivel". Aqui já não é, "Isto é technico de mais"; é "Como isto é mau!", "Como isto é confuso!"

14-30

O homem de genio, dizia Goethe, é do seu tempo só pelos seus defeitos. A phrase é incompleta: não é só pelos seus defeitos, senão tambem pelos seus meritos inferiores.

/ A inversa tambem é, em geral, verdade. ~~xxxx~~ Das figuras literarias altamente apreciadas no seu tempo podemos em geral prophetizar um correspondente despreço da posteridade: diminuem, quando de todo não esqueçam. Quando me fallam de Paul Valéry (?) lembro-me sempre de Delille. Mas pôde dar-se o caso inverso do que succede com aquelles grandes poetas que teem meritos inferiores, susceptiveis de o seu tempo os entender: pode haver num poeta cheio de virtudes de terceira ordem, e portanto celebre na sua epocha, uma pequena dose, lá no fundo, de universalidade: por ella se salvará. /

/ Porisso todo critico prudente deverá abster-se, quanto possa, de entrar em grandes avaliações de auctores contemporaneos, sobretudo se nelles houver qualquer elemento que se preste à confusão facil entre originalidade e excentricidade, ou a qualquer confusão de similitude e excentricidade, ou a qualquer confusão de similitude e excentricidade. Mais vale estudar, quanto possivel, o "caso" psychologico d'esse auctor, evitando a concessão de valores (?), que o proprio dedicar a um auctor um estudo d'esses prova sufficientemente que o critico algum merito encontra nelle.

Não só dou este conselho pelas razões que já expuz, mas tambem por outra razão. Qualquer contemporaneo nosso, e mórmente se fôr tambem nosso conterraneo, vive no mesmo ambiente que nós, soffre as mesmas influencias de ambiente, é portanto igual a nós em certos respeitoes, é nós-mesmos em certos respeitoes. E a nós-mesmos difficilmente criticamos, por motivos que não são já criticos, mas ~~humanos~~ simplesmente mentaes.



O homem de genio, dizia Goethe, é do seu tempo só pelos seus defeitos. A phrase é incompleta: não é só pelos seus defeitos, senão tambem pelos seus meritos inferiores.

/A inversa tambem é, em geral, verdade. ~~As fi~~ Das figuras literarias altamente apreciadas no seu tempo podemos em geral prophetizar um correspondente despreço da posteridade: diminuem, quando de todo não esqueçam. Quando me fallam de Paul Valéry (?) lembro-me sempre de Delille. Mas pôde dar-se o caso inverso do que succede com aquelles grandes poetas que teem meritos inferiores, susceptiveis de o seu tempo os entender: pode haver num poeta cheio de virtudes de terceira ordem, e portanto celebre na sua epocha, uma pequena dose, lá no fundo, de universalidade: por ella se salvará. /

/Porisso todo critico prudente deverá abster-se, quanto possa, de entrar em grandes avaliações de auctores contemporaneos, sobretudo se nelles houver qualquer elemento que se preste à confusão facil entre originalidade e excentricidade, ou qualquer confusão de similitude e excentricidade. Mais vale estudar, quanto possivel, o "caso" psychologico d'esse auctor, evitando a concessão de valores (?), que o proprio dedicar a um auctor um estudo d'esses prova sufficientemente que o critico algum merito encontra nelle.

Não só dou este conselho pelas razões que já expuz, mas tambem por outra razão. Qualquer contemporaneo nosso, e mórmente se fôr tambem nosso conterraneo, vive no mesmo ambiente que nós, soffre as mesmas influencias de ambiente, é portanto igual a nós em certos respeitoes, é nós-mesmos em certos respeitoes. E a nós-mesmos difficilmente criticamos, por motivos que não são já criticos, mas ~~humanos~~ simplesmente mentaes.

---

## DIREITOS ASSOCIADOS

---

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).